

A VARIAÇÃO DO VERBO ESTAR NO PORTUGUÊS CARIOCA

Carla Barcelos Nogueira Soares (UENF/FAFIC)
carla10soares@gmail.com

RESUMO

Neste artigo, analisamos a frequência da ocorrência das variedades estigmatizadas do verbo “estar”, “tô”, “tá”, “tava” e “tavam”, no português da cidade do Rio de Janeiro, com o objetivo de avaliar a frequência empregada na fala dos informantes, e o uso das variantes estigmatizadas versus as de prestígio, assim como, a inserção no vernáculo brasileiro da região e ensino deste verbo em sala de aula. Inicialmente, apresentamos o resultado da recorrência do uso entre as variantes estigmatizadas e de prestígio utilizando tabelas e gráficos para mostrar a quantidade de ocorrências e situações de fala. Os informantes foram separados por sexo e idade para verificar em que proporção ocorre as variantes, tendo como base os dados pesquisados. O estudo justifica-se pela teoria quantitativa laboviana que produz um levantamento de dados sociolinguísticos dos falantes de uma determinada localidade. O objetivo é apresentar a frequência da variante estigmatizada e de prestígio para avaliar o ensino destas no cotidiano. Ressalta-se que, a partir da análise de dados realizadas no decorrer desse estudo, abordamos estratégias para ensinar o verbo “estar” de forma dinâmica e sem preconceito das variantes não padrão. A pesquisa tem como base teórica o *corpus* do Projeto NURC/RJ 1990 onde foram selecionadas oito pessoas seguindo as normas e padrões éticos. A metodologia pode ser considerada como bibliográfica, com abordagem qualitativa, métodos descritivos e de campo aplicada às falas dos informantes que foram registradas no *corpus* elaborado pelo Projeto NURC/RJ 1990.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variedade estigmatizada.
Variedade de prestígio. Vernáculo brasileiro.

1. Introdução

A língua se ramifica em *langue* e *parole*. Enquanto a *parole* se preocupa em verificar sua prática avaliando o contexto regional, social, econômico, a faixa etária e o sexo do falante, a *langue* é preservada pelos gramáticos não havendo variação diatópica, diafásica, morfológica nem diastrática, pois o importante são as normas.

A sociolinguística é a ciência que estuda a relação entre língua e sociedade se subdividindo em sociologia da linguagem, sociolinguística interacional e sociolinguística variacionista. A primeira estuda os sistemas linguísticos como instrumentais em relação às instituições sociais, a segunda se preocupa com a análise de conversação e, a terceira examina a linguagem no contexto social relacionando língua e sociedade como al-

go indissociável.

Neste artigo, pretende-se abordar a sociolinguística variacionista e, conseqüentemente, a língua “fala”, já que avaliar-se-á o seu uso em seu contexto social. Para isto, analisar-se-á as variantes do verbo “estar” no presente e pretérito imperfeito do modo indicativo na região do Rio de Janeiro. Os dados foram retirados do *corpus* do Projeto NURC/RJ, 1990 e, seus resultados distribuídos em tabelas e gráficos para quantificar as variantes estigmatizadas e de prestígio. Os informantes foram categorizados por sexo e faixa etária para verificar a ocorrência em cada categoria. Em seguida, foi quantificada a presença das variáveis no vernáculo brasileiro da região pesquisada para abordagem deste verbo relacionando-o com o ensino em sala de aula.

2. Pressupostos metodológicos

Para a realização deste trabalho, utilizar-se-á a teoria da sociolinguística quantitativa de William Labov, já que as variantes foram analisadas em uma relação entre língua e sociedade para sistematizá-las e, a partir da amostra, responder às seguintes hipóteses:

- I– em que frequência absoluta as variantes estigmatizadas do verbo estar são usadas na comunidade de fala do Rio de Janeiro?
- II– em que proporção está à relação de recorrência das variantes estigmatizadas versus as de prestígio na região pesquisada?
- III– os fatores condicionadores sexo e faixa etária influenciam no uso das variantes estigmatizada?
- IV– as formas estigmatizadas do verbo “estar” fazem parte do vernáculo brasileiro da cidade do Rio de Janeiro?
- V– como o uso das variantes estigmatizadas do verbo “estar” deve ser abordado em sala de aula?

Para responder a estas questões, será feito levantamento quantitativo a fim de analisar cada situação de fala e, conseqüentemente, a frequência do uso das formas estigmatizadas e de prestígio.

Na elaboração deste trabalho, foram coletados dados da década de 90 em amostra da fala carioca através do *corpus* do projeto NURC/RJ 1990. Selecionaram-se 08 amostras complementares do tipo diálogo entre informante e documentador que abordavam os seguintes temas:

1. Família, ciclo de vida, saúde;
2. Cidade e comércio;
3. Instituição, ensino e igreja;
4. Vida social e diversões;
5. Alimentação.

O critério utilizado para análise foi a categorização dos informantes dividida em dois grupos, conforme tabela abaixo:

SEXO	FAIXA ETÁRIA
MASCULINO	31 a 45 anos
FEMININO	26 a 28 anos

Quadro 1. Divisão da amostra em sexo e faixa etária.

Fonte: Elaborado de acordo com o *corpus* do Projeto NURC/RJ 1990.

Ressalta-se que para a contextualização deste estudo foram descartados o meio social e econômico, já que os mesmos não se apresentam como relevantes, pois a pesquisa não se baseia em dados coletados no campo pelo pesquisador e, sim por dados documentados através do *corpus* do projeto NURC/RJ 1990. Dessa forma, para mencionar os informantes durante o levantamento de dados, usar-se-á 1 para representar os do sexo masculino e 2 para representar os do sexo feminino e suas respectivas faixas etárias. As ocorrências das variantes passaram por uma contagem cuidadosa, sendo geradas as frequências e os empregos de cada uma, levando-se em consideração o sexo e a faixa etária dos informantes.

3. Marco teórico

No Brasil, os cidadãos usam a língua portuguesa para se comunicar, porém cada um tem um modo particular de se expressar, considerando a localidade onde vive, pois é através da fala que o indivíduo se socializa, o que torna a linguagem um fato social e individual, todavia com fortes influências culturais, tornando perceptível que o modo de se expressar de cada pessoa depende do meio social em que vive.

De acordo com Fernando Tarallo “as variantes de uma comunidade encontram-se em relação de concorrência: padrão *versus* não padrão; conservadoras *versus* inovadoras; de prestígio *versus* estigmatizadas” (TARALLO, 2005, p. 11) e é através desta análise de concorrência que haverá um paralelo quantitativo das ocorrências entre a frequência de uso

das variantes estigmatizadas e das variantes de prestígio utilizadas pelos falantes, com a finalidade responder às questões acima e comentá-las em um contexto de ensino aprendizagem, que fundamenta-se, neste artigo, em Paulo Freire.

É importante mencionar que as variantes se apresentaram nas diversas estruturas gramaticais conforme citado abaixo:

“tô”, “tá” e “tava” usados em locução verbal:

Exemplo: “Não, hoje em dia... Depende, entendeu, porque eu *tô* namorando há quatro anos e meio, e aí fica meio dependente de namorado, meu namorado, é super caseiro, não é de sair muito.” (*corpus* do Projeto NURC/RJ 1990 – Amostra Complementar, inquérito 3, feminino)

“tá” – final de frase:

Exemplo: “É, eu não posso nem, falar como é que tá...” (*corpus* do projeto NURC/RJ 1990 –Complementar Inquérito 02 feminino)

“tô”, “tá” e “tavam” – usados em período composto.

Exemplo: “tem que saber isso, isso é fundamental né, e você via no curso pré-vestibular, colegas, que *tavam* ali, quer dizer, podiam até aprender a matéria do pré-vestibular mas, ...” (*corpus* do projeto NURC/RJ 1990 Complementar inquérito 01 - masculino).

4. Resultado do corpus da região do Rio de Janeiro

Com o levantamento de dados sobre o tema pesquisado tendo como base 08 amostras complementares do *corpus* do Projeto NURC/RJ da década de 90, observou-se que o uso das formas estigmatizada totalizou 223 ocorrências conforme o gráfico abaixo:

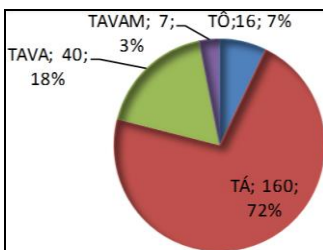


Gráfico 1. Distribuição das variantes.

Fonte: Elaborado de acordo com o *corpus* do Projeto NURC/RJ 1990.

Analisou-se, em primeiro momento, o uso das variantes como “tô”, “tá” e “tava” nas locuções verbais, que Celso Cunha define como “os conjuntos formados de um verbo auxiliar com um verbo principal” (CUNHA, 2001, p. 394). Ainda, segundo o autor, em uma locução verbal conjuga-se apenas o verbo auxiliar que em, nosso estudo, são as formas estigmatizadas do verbo “estar”.

Nas amostras complementares, verifica-se também a ocorrência da variante “tá” no final de frase, ora para enfatizar o que foi dito, ora para confirmar uma ideia. Entende-se por frase, segundo Garcia,

Todo enunciado suficiente por si só para estabelecer comunicação Pode indicar um juízo, expressar uma ação, estado ou fenômeno, transmitir um apelo, ordem ou exteriorizar das moções. Seu arcabouço, o linguístico encerra normalmente um mínimo de dois termos – o sujeito e o predicado. (GARCIA, 2007, p. 32)

Além disso, foram analisadas as variantes “tô”, “tá” e “tavam” que são encontrados em períodos, definidos, conforme Celso Cunha, “como frase organizada em oração ou orações” (CUNHA, 2001, p. 121).

Entende-se que o uso das ocorrências das variantes não foram aleatórias, uma vez que houve uma regularidade gramatical ao empregá-las e que o informante as usa conforme a ênfase que se quer dar ao contexto da fala. Por isso, categorizou-se a frequência das formas estigmatizadas de acordo com a situação de uso de cada uma. Assim, tabela abaixo apresenta a quantidade de ocorrências.

	Total de frequência	Freq. loc. verbal	Freq. final de frase	Freq. em período simples composto
Tô	16	07/37%	0	09/63%
Tá	160	44/27%	41/26%	75/47%
Tava	40	14/35%	0	26/65%
Tavam	07	0	0	07/100%

Quadro 2. Resultado da frequência de uso das variantes estigmatizadas.

Fonte: Elaborado de acordo com o corpus do Projeto NURC/RJ 1990.

Analisando a tabela acima, pode-se afirmar que o verbo “estar” apresenta 04 variáveis sociolinguísticas na região do Rio de Janeiro, e que das 223 ocorrências, a variedade estigmatizada mais usada é “tá” com a frequência de 160 vezes. Observa-se que há uma regularidade no uso destas variantes, isso porque, o maior número percentual acontece em períodos simples ou compostos: “tô” 63%; “tá” 47%; “tava” 65% e “tavam” 100%. Das variantes pesquisadas, a única que aparece em final de frase é “tá” com 26% de uso. Verifica-se, também que, na locução

verbal, houve uma frequência de 37% para “tô”; 27% para “tá” e 35% para “tava”. Os gráficos, abaixo, mostram a porcentagem de cada ocorrência e o contexto gramatical em que elas acontecem.

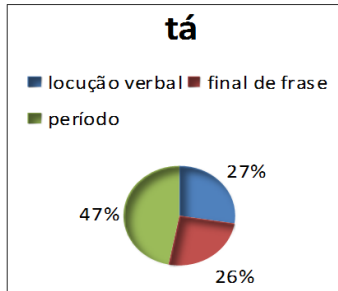


Gráfico A: Frequência de “tá”.
Fonte: Elaborado de acordo com o *corpus* do Projeto NURC/RJ 1990.

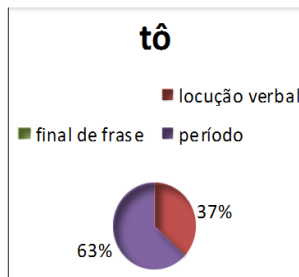


Gráfico B: Frequência de “tô”.
Fonte: Elaborado de acordo com o *corpus* do Projeto NURC/RJ 1990.

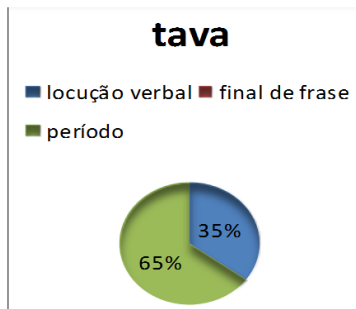


Gráfico C: Frequência de “tava”.
Fonte: Elaborado de acordo com o *corpus* do Projeto NURC/RJ 1990.

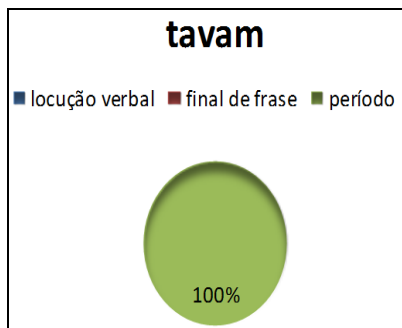


Gráfico D: Frequência de “tavam”.

Fonte: Elaborado de acordo com o *corpus* do Projeto NURC/RJ 1990.

Com base nas pesquisas realizadas, pode-se afirmar que o verbo “estar” encontra-se em estado de variação na região do Rio de Janeiro e, que as variantes se apresentam em regularidade de uso, já que a recorrência destas, encontram-se estigmatizadas e, dependem das circunstâncias gramaticais em que elas aparecem. Segundo Gadet (1992) “o modelo laboviano permitiu compreender que as estruturas variantes, muito mais do que as invariantes, relevam padrões de regularidade que de tão sistemáticos, não podem ser devido ao acaso” (*apud* MONTEIRO, 2000, p. 57). Sendo assim, pode-se afirmar que depende da estrutura gramatical da frase que o falante emprega para que aconteçam as variantes.

5. *Uso das variantes de prestígio*

Segundo Marcos Bagno, a língua portuguesa pode ser subdividida em três, sendo elas norma padrão a norma culta e a norma popular. A norma padrão não constitui sinônimo da norma culta, uma vez que ela não é usada pelos falantes e, por isso, está fora do universo da variação e dos usos empíricos da língua passando a ser apenas um modelo. A norma popular também conhecida como estigmatizada constitui a fala espontânea do povo com suas “transgressões” à norma padrão.

Define-se como norma culta ou variante de prestígio a fala monitorada que preza pelos conceitos gramaticais, no entanto, sofre variações que não estão gramaticalizadas constituindo o uso real da língua. Neste artigo, serão consideradas variantes de prestígio “*estou*”, “*está*”, “*estava*” e “*estavam*”. Baseando-se na amostra retirada do *corpus* do projeto

NURC/RJ 1990, onde verificou-se que a ocorrência destas formas verbais, é menor, conforme mostra a tabela abaixo.

	Total de frequência	Frequência locução verbal	Frequência final de frase	Frequência em período simples/composto
Estou	8	5	0	03
Está	26	8	0	16
Estava	6	0	0	6
Estavam	0	0	0	0

Quadro 3. Resultado do uso das formas verbais de prestígio.

Fonte: Elaborado de acordo com o *corpus* do Projeto NURC/RJ 1990.

Conforme o quadro acima, observou-se que enquanto as variantes estigmatizadas aparecem em um total de 223, as de prestígio ocorrem 40 vezes, perfazendo um total de frequência de 85 por cento a menos de uso da norma popular, com isso, pode-se afirmar com base nesta amostra que a forma estigmatizada é muito frequente na fala dos informantes o que a torna um marco regional. Ao analisar a tabela, também é possível verificar que “*estavam*” não teve nenhuma ocorrência e que as variantes foram mais usadas em períodos simples ou composto. Nota-se, também, que não houve ocorrência das variantes em final de frase. Dessa forma, lançando os dados no gráfico, obtém-se:

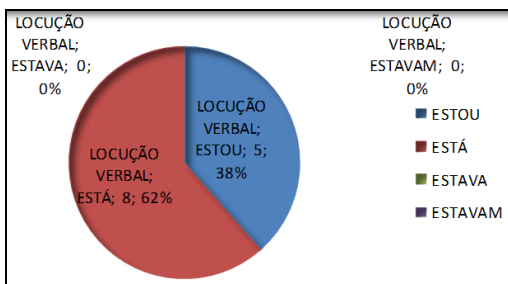


Gráfico 2: Distribuição das formas verbais de prestígio.

Fonte: Elaborado de acordo com o *corpus* do Projeto NURC/RJ 1990

Com esta proporção de recorrência, com base no gráfico acima, as porcentagens 0% (zero por cento) ocorreram devido à ausência de uso das formas “*estavam*” e “*estava*”, nota-se, também, que as variantes de prestígio “*estou*” e “*está*” tiveram ocorrência de 5 (cinco) o que corresponde a 38% (trinta e oito por cento) e 8 (oito) o correspondendo a 62% (sessenta e dois por cento), respectivamente, quantidade pequena se comparada às variantes estigmatizadas e, devido a esta baixa frequência, elas não cons-

tituem traços linguísticos da região. Já as formas estigmatizadas do verbo “*estar*” podem constituir indicadores que são traços linguísticos da região pesquisada uma vez apresentam uma distribuição regular em cada situação de frequência de uso. Para Monteiro os “indicadores constituem traços linguísticos que apresentam uma distribuição regular nos grupos socioeconômicos, étnicos ou etários, mas são utilizados pelo indivíduo mais ou menos da mesma maneira em todos os contextos” (MONTEIRO, 2000, p. 66)

5.1. Frequência de uso entre as variantes estigmatizadas versus as de prestígios

Ao categorizar os falantes por sexo e idade, verifica-se que a recorrência da forma verbal estigmatizada é maior no informante 2 e menor no informante 1. O quadro abaixo apresenta a quantidade de recorrência das formas verbais em estudo nos grupos de informante.

SEXO	TÔ	TÁ	TAVA	TAVAM
MASCULINO	1	16	12	5
FEMININO	15	144	28	2

Quadro 4. Uso das variantes estigmatizadas por grupo de informante.

Fonte: Elaborado de acordo com o *corpus* do Projeto NURC/RJ, 1990.

Nota-se que enquanto o informante 2 usa 144 vezes a variante “*tá*”, o informante 1 usa 16 vezes. Observa-se, também que a proporção de uso de “*tô*” e “*tava*” é menor no informante 1, salvo a variante “*tavam*” que não houve ocorrências.

Segundo Marcos Bagno, a preferência pela forma estigmatizada pode ser explicada pela ação dos informantes 2 sobre a língua, uma vez, que a faixa etária mais jovem aqui caracterizada é de 26 a 28 anos, geralmente, usam-se variantes mais inovadoras, enquanto, os adultos caracterizados, neste estudo, com a faixa etária entre 31 e 45 anos preferem a variante de prestígio. O gráfico 3 e 4 apresentam a frequência de uso das formas estigmatizadas do verbo “*estar*” dos informantes 1 e 2 respectivamente.

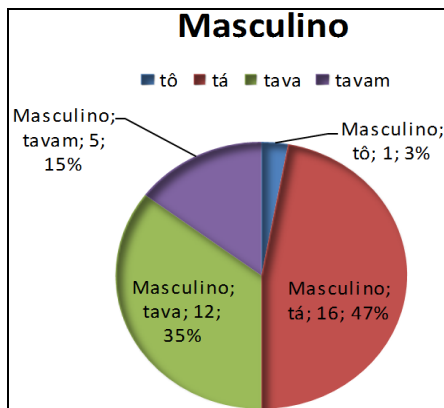


Gráfico 3. Porcentagem de uso da forma estigmatizada usada pelo informante 1.

Fonte: Elaborado de acordo com o corpus do Projeto NURC/RJ 1990

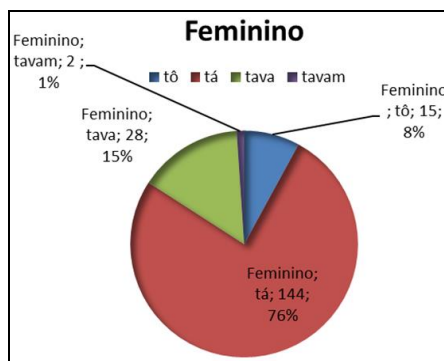


Gráfico 4. Porcentagem de uso das formas estigmatizadas usada pelos informantes 2.

Fonte: Elaborado de acordo com o corpus do Projeto NURC/RJ 1990.

Diante do exposto, pode-se concluir, com base na amostra estudada, que as formas estigmatizadas do verbo “estar” apresentam maior ocorrência com o informante 2 e que estas variações são frequentes apenas em um determinado grupo de falante. Como não há uma frequência regular entre os dois informantes a e, conseqüentemente, a proporção das ocorrências são diferentes a forma estigmatizada do verbo “estar” não deve ser considerada parte do vernáculo brasileiro da cidade do Rio de Janeiro.

5.2. Como ensinar as formas estigmatizadas?

Mediante as pesquisas sobre a frequência do uso da forma estigmatizada do verbo “*estar*”, evidencia-se que é de suma importância que o professor ensine a língua portuguesa, levando-se em consideração a comunidade com sua cultura e maneira de falar, contextualizando as aulas de acordo com o ambiente social em que o discente está inserido. Desta forma, é necessário que, ao ensinar a conjugação do verbo “*estar*”, o professor de modo dinâmico e criativo trabalhe as variantes deste verbo e, não meramente leve o educando a memorizar todos os seus tempos e modos.

Em se tratando de ensinar, para Paulo Freire a prática de memorização é denominada educação bancária, isto porque, este idealizador propõe que quando o professor não leva o aluno a interagir com o meio social em que vive não há aprendizado, visto que “nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e reconstrução do saber ensinado” (FREIRE, 1996, p. 14).

Se o professor somente ensinar a forma padrão do verbo sem mencionar a variedade estigmatizada, significa segundo Marcos Bagno “sonegar informação, esconder a realidade e, por conseguinte, praticar um ensino que é preconceituoso” (BAGNO, 2007, p. 142), pois a partir do momento em que não se constrói situações sociais de uso entre uma forma e outra leva o discente a acreditar que o emprego de “*tô*”, “*tá*”, “*tava*” e “*tavam*” é “incorreto” e precisa ser corrigido.

Neste contexto, o professor, ao abordar este assunto em sala de aula, pode trabalhar com uma pesquisa sobre a comunidade de fala em que os alunos estão inseridos. Ele poderá analisar, por exemplo, dez falantes e, anotar a forma de pronunciar o verbo “*estar*” nos diversos tempo e modo. Além disso, o educador pode promover um debate sobre os dados da pesquisa. Assim estará propondo uma discussão junto ao aluno sobre o emprego do verbo, usando a realidade concreta, buscando compreender os mecanismos da variação e o emprego da forma padrão e, também, estará construindo uma atitude de simpatia frente às formas variantes estigmatizadas deste verbo, tendo uma observação dinâmica da linguagem.

Assim sendo, o docente ao apegar-se a esse método (didática), não estará transmitindo conhecimento e praticando, ao ensinar a língua portuguesa, a educação bancária e, sim criando possibilidades para a pro-

dução e construção do saber de forma que o aluno compreenda o emprego do verbo “*estar*” e suas variações no contexto social em que está inserido.

6. *Considerações finais*

Com os estudos realizados para a apresentação do artigo científico, que foi elaborado junto ao *corpus* do Projeto NURC/RJ 1990 base para a concretização deste, um levantamento de dados sobre a variante estigmatizada do verbo “*estar*” e a forma padrão usada na região do Rio de Janeiro. Constatou-se que a frequência da variedade estigmatizada é maior entre os falantes com a faixa etária entre 26 e 28 anos, por isso, não se pôde afirmar que ela faz parte do vernáculo brasileiro da cidade do Rio de Janeiro. Quanto à relação de recorrência entre a variante estigmatizada e a de prestígio, observou-se que, de acordo com as amostras complementares, a variante de prestígio teve 85 ocorrências enquanto a variante estigmatizada apresentou 223 ocorrências isto, provavelmente, se deu devido à faixa etária dos informantes. Ponderou-se, também, a importância de ensinar a língua portuguesa através de métodos que permitam ao alunado obter conhecimentos da língua e assimilá-los, levando em consideração a importância da pesquisa para desmistificar a questão de “*erro*” na comunidade de fala.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália*. Novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. *Nada na língua é por acaso*: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

CUNHA, Celso. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Publicação 1996, Digitalização 2002.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*: aprenda a escrever aprendendo a pensar. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (Orgs.), *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001, vol. 1.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.